

noite desertada pelos deuses, apresenta-se como tocha sublime que permite atravessar as trevas sem fraquejar para vislumbrar verdades humanas, alicerçando a própria mitologia pessoal do poeta.

Assiste-se, deste modo, a pulsões do sujeito lírico à medida que compõe uma autobiografia alegórica: “Se ouvires, / saberás como foi o meu martírio, / como odiei ferozmente a cidade do exílio. / Não me viste pela madrugada, / ébrio, / amaldiçoando as ruas, quando no seu asfalto rodavam / as carruagens delirantes, / sem chegada nem partida, sobre os carris do sono. / Antes de aqui chegar, / fui das ilhas o primogénito, abri canais, túneis, / socalcos, / descí as levadas, deambulei entre vinhas como um cão perdido.” (p. 186).

Este livro de José Agostinho Baptista configura um itinerário de desencanto e de entrega a uma causa superior que tenta apreender o espírito da passagem pelo mundo, no pressuposto de que toda a vida humana possui essa capacidade extensiva de se inscrever no “centro do universo”. Para tal, desenvolve uma poética de comunhão na dor, de compaixão humana, visto a narração alegórica de uma vida e sua interpretação se prestarem a sentidas elegias à existência humana evocada. O apego do poeta ao ofício de dizê-la será decerto o caminho para a criação poética, que não se distingue da via para a recriação de si mesmo, através da transcendência da escrita que liga e funde existência e espírito, matéria e alma, cosmos e solidão humana.

Gilberto Mendonça Teles, *Linear G*, São Paulo, Hedra, 2010, 150 págs.

Maria Luísa Leal
 Universidad de Extremadura
lleal@unex.es

Em 2010 veio a lume um livro do poeta brasileiro Gilberto Mendonça Teles intitulado *Linear G*, obra que reúne poemas escritos ao longo de dez anos. Apesar de possuir um carácter de repositório característico de uma matéria poética forçosamente compósita, *Linear G* apresenta-se como uma obra arquitectónica cuidadosamente

construída, que não se oferece facilmente a um leitor apressado, antes obrigando a uma tarefa de decifração que implica o leitor no trabalho poético.

Passamos a apresentar algumas linhas de leitura como convite à prossecução do exercício. Incidiremos na explicação de elementos de tipo paratextual, isto é, da responsabilidade do autor que, como entidade empírica exterior à obra, a rodeia de pistas importantes para a respectiva leitura. Refiro-me, concretamente, ao título e às epígrafes que abrem o livro. A primeira é extraída de uma obra de Ésquilo e consiste numa invocação da Pitonisa de Delfos à Terra (“G”). A segunda é uma citação de um socio-linguista francês, Jean-Louis Calvet, acerca de duas escritas muito antigas, uma de 1600 a.C., a Linear A, ainda não decifrada e outra, a Linear B, decifrada na década de cinquenta. Trata-se de escritas não literárias. A palavra que invoca o transcendente (a da pitonisa) também não é literária, é religiosa e pragmática, aspira à comunicação com uma origem que permitiria, ao mesmo tempo, prever o futuro. A pista para a leitura do título apontaria para uma escrita pré e pós-literária, uma escrita da terra que passa pelo redesenhar do espaço-tempo naquilo que referi como obra arquitectónica – uma arquitectura altamente conceptualizada e lúdica, que joga com a perspectiva e os espaços impossíveis – à maneira das arquitecturas impossíveis de Escher –, ao mesmo tempo que permite reflectir sobre a própria realidade e as possibilidades de conceptualização que o mais comum dos seus elementos oferece. Antes de avançar, apresento um exemplo daquilo que acabo de afirmar. Trata-se do poema “Pau-terra”, que abre a terceira parte da obra e que reproduz, graficamente (trata-se de um poema visual), a árvore do mesmo nome, autóctone do Cerrado, vasto ecossistema do Brasil que compreende, nomeadamente, o estado de Goiás, de onde Gilberto Mendonça Telles é oriundo e para cuja universalização por transfiguração poética tem contribuído em importantes obras anteriores (principalmente *Sociologia goiana*, obra que conta seis edições desde a sua aparição em 1982) e também na terceira parte de *Linear G*. “Pau-terra” desenha, mimeticamente, essa árvore brasileira e evoca-a graficamente mas, ao mesmo tempo, é uma árvore conceptual que consubstancia toda a obra de Gilberto Mendonça Telles: o seu tronco mais forte contém duas expressões gregas que são a base de toda a sua actividade de escrita, dividida entre a *poïesis*, o fazer poético ou escrita poética, e a *kritikê technê* ou actividade crítica. A

arborescência ou conjunto de troncos mais finos consiste em múltiplos títulos de obras do autor, tanto livros de poemas como de crítica.

Linear G apresenta uma divisão em três partes intituladas “As Ucronias”, “As Eutopias” e “Árvore do Cerrado”: nas duas primeiras ressoa a origem grega dos vocábulos e, por consequência, o carácter erudito dos mesmos, enquanto a terceira é marcada por uma cor local incontornável. As duas primeiras remetem para noções abstractas, utopias de sentido temporal (a primeira) ou espacial (a segunda) que apresentam respostas a hipóteses impossíveis de verificar num universo real (ou na representação ficcional de um universo real): e se a história fosse diferente (uma vez que “a aparência força inclusive a verdade”, como se diz na epígrafe que antecede a primeira parte)? E se os lugares de que falamos fossem bons, “amenos” e “verdejantes, porque preservam o amor” (veja-se a epígrafe que antecede a segunda parte)? E se o Cerrado fosse universal, um lugar cultural “de exportação”, como defendeu Oswald de Andrade a propósito da literatura brasileira, no período reivindicativo da vanguarda modernista? As duas epígrafes que antecedem a terceira parte apontam para isso, posto que através delas são homenageados dois autores, um regionalista (Afonso Arinos) e outro, Guimarães Rosa, topicamente conhecido por converter o regionalismo em linguagem universal, ficcionalizando um falar local que, em última análise, só corresponde a uma região de papel (como Roland Barthes falou de seres de papel, com existência independente da função referencial da linguagem), mas que, ao mesmo tempo, desenha um universo mítico-imaginário extremamente denso, o Sertão.

Antecedendo as três partes que constituem o livro, encontramos um poema-pórtico intitulado “Entre”, que desempenha um papel fundamental na arquitectura da obra e funciona ao mesmo tempo como uma verdadeira arte poética que remete para a árvore de “Pau-terra” (p. 115), isto é, para a obra de Gilberto Mendonça Teles. Aquilo que se definiria pela contiguidade – entre uma coisa e outra –, ganha neste poema uma essência própria. Todos os sentidos são contaminados pela posição de pórtico ou o pórtico é preenchido com uma multiplicidade de elementos que criam palavras novas, cujo efeito de estranhamento é posto em destaque pelo contacto com outras já cristalizadas na linguagem. Como palavras novas, citaria o “entresonhado”, o “entrelugar”, o “entressentido”, a “entresafrá”; como palavras mais comuns, temos por exemplo o “entrevisto” ou as “entrelinhas”. Ainda que não desenvolva a respectiva análise, cumpre

sublinhar a profunda racionalidade que subjaz a esta escrita, a sua mensagem oculta por detrás de uma superfície lúdica, de ritmos fortes que não devem apenas deixar-nos no domínio da sedução formal. Com efeito, tanto a apurada arquitectura como elementos paratextuais fornecidos no final da obra (fotografia, biobibliografia e bibliografia do e sobre o autor) apelam a um exercício de conhecimento por parte do leitor, ao uso da razão e até ao estudo laborioso, sem o qual muito se perde.

Com o propósito de fornecer algumas linhas de leitura, terminaria com uma breve série de sugestões temáticas, embora a obra não esteja organizada por temas e nela encontremos, inclusivamente, uma alusão irónica à crítica jornalística que “só quer tratar de tema (e de pós-tema)” (p. 36): *o tempo*, numa tripla acepção: 1) o tempo dos seres vivos – lagartixa, aranha, beija-flor, menino, em “Nos últimos 20 anos”; 2) o tempo da história, com a vivência quotidiana pelos sujeitos e os seus cortes periodológicos; 3) a essência que escaparia ao tempo, apesar da proliferação de referências epocais, isto é, a própria Poesia e os seus temas intemporais, como o amor: “Enquanto isso, o Amor mandava / seus e-mails (sem vírus), a sua flor / noturna, seu mistério, a sua arte / de escandir as vogais, tanger os signos / e esconder no cristal das consoantes / a iniciação da vida nova, o sal / do novo bê-á-bá, pronunciado / na mais pura ascensão da Poesia” (p. 18); *a forma* (veja-se “Poiema”, onde o sujeito poético nos surge aparentemente dividido entre a busca da poesia e a construção do poema, único fruto da procura dessa “coisa extrema”, resolvendo-se o dilema numa enigmática questão: “Não é melhor para o poiema / que ele seduza a poesia?” (p. 23); *a linguagem* (veja-se “O poeta” (p. 29)); *o ofício do poeta*, com o seu registo irónico, característica transversal de muitos outros poemas desta obra (veja-se “Triz” (pp. 35-36); *a geografia poética do cerrado* (em toda a terceira parte, mas muito especialmente em “Planície central” (p. 116) e no poema visual “Dose dupla” (p. 130), *a memória transfigurada pela poesia*. Sob a capa ampla e confortável da ficção, essa memória permanece palpável como coisa vivida, homenagem e acerto de contas com o passado. Em certos casos, contém o fascínio de uma leitura “à clés”, como no poema “*In illo tempore*” (pp. 120-121) em que se evoca um episódio entre o “mestre do sertão de Montes Claros” a quem foi entregue o *campus* universitário de Brasília (Darcy Ribeiro) e o sujeito poético. Noutros, confunde-se com o sonho de anular o tempo da perda, como no poema “Encontro”, onde são evocadas imagens paternas, dentro da

moldura de duas apóstrofes em que o sujeito poético pede um encontro a um pai que empreendeu uma viagem “sem retorno e sem sentido”: “Meu pai, agora lhe peço / presença, fala, negócio, / essas coisas com que rezo / pedindo um encontro nosso.” (p.122).

Xosé Manuel Dasilva, *Reciprocidades Ibéricas. De Almeida Garrett a Miguel Torga*, Vigo, Editorial Academia del Hispanismo, 2011, 304 págs.

M^a Jesús Fernández García
Universidad de Extremadura
mjesusfg.merida@gmail.com

Las relaciones entre las literaturas española y portuguesa constituyen un ámbito de estudio con una cierta tradición entre investigadores de uno y otro país. A pesar de ello, solo de tarde en tarde, aparecen estudios de índole comparatista que ofrecen al lector la oportunidad de comprender cómo se ha producido y continúa realizándose el encuentro entre obras y autores pertenecientes a los sistemas literarios peninsulares. Es el caso de la reciente publicación *Reciprocidades Ibéricas: de Almeida Garrett a Miguel Torga* de Xosé Manuel Dasilva, profesor de la Facultad de Filología e Tradução de la Universidad de Vigo, traductor y profundo conocedor de las formas que dichas relaciones han ido adoptando a lo largo de la historia a partir del estudio de las traducciones entre la lengua portuguesa, gallega y española.

Componen el volumen trece artículos, publicados anteriormente en diferentes medios académicos y ahora reunidos para hacer así más accesible su lectura. Esta recopilación pone de relieve la extensa y constante dedicación de Xosé Manuel Dasilva a este campo de investigación, de la que son buen ejemplo títulos como *Babel Ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España* (Vigo, Universidad de Vigo, 2006) y *Babel Ibérico. Antología de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal* (Vigo, Universidad de Vigo, 2008). Xosé Manuel Dasilva es, además, coordinador de la serie *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa* (compuesta hasta el momento por tres volúmenes), iniciativa pionera en el ámbito hispánico de publicación especializada en trabajos sobre